

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS ÍNDIAS OCIDENTAIS DE ESPANHA NA "HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA" PORTUGUESA QUINHENTISTA.

PINA, Luís de

Ano: 1944 | Número: 54

Como citar este documento:

PINA, Luís de, As Índias Ocidentais de Espanha na "História Trágico-Marítima" Portuguesa Quinhentista. *Revista de Guimarães*, 54 (3-4) Jul.-Dez. 1944, p. 127-146.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

As Índias Ocidentais de Espanha na "História Trágico-Marítima," Portuguesa Quinhentista

Desta feição escrevia Jorge Ferreira de Vasconcelos, há cêrca de 400 anos:

— «A linguagem portuguesa é conhecida em partes em que a hebreia, grega e latina nunca foram vistas nem ouvidas; e se os portugueses se prezassem dela como das armas, deixariam escrituras de mores façanhas, que os hebreus de incredulidades, os gregos de fábulas, e os latinos de deidades...» (1).

Na verdade, se tudo o que fizeram os Portugueses se houvesse lançado ao papel, em escrita eterna, deidades, incredulidades ou fábulas dos antigos ficariam àquem das suas.

De quantas tragédias, façanhas guerreiras em mar e em terra, aventuras, observações científicas e tantas mais obras da coragem, da fôrça e do saber portugueses não ficaram, sequer para luzeiro em trevas, resumidas laudas de crónica ou relação! De quantas?

Apenas uma porção delas — bem pequena, se transverteu em tinta nos livros, manuscritos uns, impressos outros. E, destes últimos, nem sempre os prelos da época os conheceram, mas sim outros achados já aos nossos tempos.

Entre mais, exalça-se na literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII a célebre colecção de relações

(1) J. Ferreira de Vasconcelos — *Eufrosina*, 1561. Évora.

de naufrágios ou aventurosas jornadas marinhas, que Bernardo Gômes de Brito estampou em 1735 e 1736 (respectivamente 1.º e 2.º volumes), com o título *Historia Tragico-Maritima Em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverãõ as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegaçãõ na India*. A obra é oferecida ao Rei D. João V e saiu de prelo lisboeta, o da Oficina da Congregação do Oratório, com tôdas as licenças necessárias (¹).

Esta cartilha das dores e prantos da nossa Epopeia marítima já o grande Ramalho Ortigão a emparceirava aos *Lustadas*, de Camões. Nos Liceus, os escolares do derradeiro ciclo do estudo da língua são obrigados ao seu conhecimento, desde há 8 anos. Bem diz Pires de Lima (²):

— «assinaladas umas, outras anónimas, as relações impõem-se pela linguagem viva, simples quasi sempre, e dão-nos uma idéia nítida dos trabalhos por que passaram os nossos antepassados quando por tôda a parte a nossa língua e os princípios do *Evangelho*, alargando os limites do Império Português. *A História Trágico-Marítima* e os *Lustadas* completam-se».

Algumas dessas relações, em meu juízo, estão escritas em linguagem digna de nota ou estudo e devem, por tal, considerar-se clássicas. Assim a de Padre Gaspar Afonso, um ilustre Jesuíta do século XVI, a que

(¹) Uma 2.ª edição publicou-se em Lisboa, em 1904. Outras reedições incompletas têm sido tentadas: — Pôrto, 1934 (comemorativa da Exposição Colonial Portuguesa); adaptação de António Sérgio, Lisboa, 1934; a da relação de Teixeira Pinto (Naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho) por Augusto César Pires de Lima, Pôrto, 1938; etc. Em 1936, no Pôrto, foi reimpressa tôda a obra de Bernardo Gômes de Brito, sob a direcção de Damião Peres (5 volumes). Seguiu-se-lhe uma colectânea com o título *Viagens e Naufrágios célebres dos séculos XVI, XVII e XVIII*, que o mesmo Professor dirigiu (Pôrto, 1937-1938). Esta encerra algumas relações dispersas daqueles séculos.

(²) Augusto César Pires de Lima — Prólogo da obra de Teixeira Pinto, *Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil para este reino*. Pôrto, 1938.

em outros trabalhos preiteei como merece ⁽¹⁾. Aliás, já o distinto naturalista Carlos França dêle escrevera em 1926 ⁽²⁾:

— «Outro escriptor quincentista deixou sobre o Brasil paginas muito apreciaveis que vale a pena citar nesta obra. Refiro-me ao Padre Gaspar Afonso, da Companhia de Jesus, que, no relato da sua acidentada viagem á India, não deixa de apontar curiosos factos de historia natural que o revelam extremamente intelligente e espirituoso, comquanto, como naturalista, de muito menor valor que Anchieta, Cardim, Gandavo ou Gabriel de Sousa».

Ao aludir a uma das descrições do Padre Gaspar Afonso, escreveu Carlos França:

— «o nosso inteligente jesuita não estava em 1596 muito em atrazo sôbre os sábios do século XX».

Padre Gaspar Afonso era natural de Serpa e filho de Martim Afonso e Maria Gonçalves, sua mulher. O Visconde de Lagôa ⁽³⁾ coordenou uma sucinta biografia do nosso padre e, como Carlos França e outros historiadores, regista o valor das suas observações naturalísticas e etnográficas (em particular de Santo Domingo, a antiga Hispaniola).

Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana* ⁽⁴⁾,

⁽¹⁾ Luís de Pina — *Os Portugueses e a Exploração Científica do Ultramar*. «Alta Cultura Colonial». Lisboa, 1936. — *As Ciências na História do Império Colonial Português (século XV ao século XIX)*. «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», 1937-1945.

⁽²⁾ Carlos França — *Os Portugueses do século XVI e a História Natural do Brasil*. «Revista de História», vol. XV. Lisboa, 1926.

⁽³⁾ Visconde de Lagôa — *Grandes e Humíldes na Epopeia Marítima Portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Vol. II. Lisboa, 1944.

⁽⁴⁾ Barbosa Machado — *Biblioteca Lusitana*, 2.^a edição. Lisboa. Este bibliógrafo indica mais duas obras ms. de Gaspar Afonso: *Tractatus de Usuris*, e *Sermoens para as Festas de todo o anno*. 2 tomos. Existiam no Colégio de Évora.

que lhe traça a biografia, indica a sua morte em Coimbra, no ano de 1618 (21 de Fevereiro). O ilustre missionário ensinava em Évora, há 9 anos, a Teologia Moral. O referido autor refere-se, em duas linhas, à viagem tormentosa do Padre Gaspar Afonso.

O termo desejado da jornada era a Índia. Fados e ventos lhe puxaram a nau para o oeste, sem ter logrado, ao menos, acometer e dobrar o Cabo das Tormentas. Tudo e tôda a longa e triste viagem a descreve o bom do padre em uma crónica encerrada na *História Trágico-Marítima* que designei e onde se publicou a primeira vez (1736).

O original está na Biblioteca Pública de Évora (cota CXVI, 1-16) ⁽¹⁾. Assim a regista o Visconde de Lagoa: = *Relação / da Viagem / E successo que teve / A Nao S. Francisco / Em que hia por Capitão / Vasco da Fonseca, / Na Armada, que foy para a India no / Anno de 1596.* (Xilogravura quadrangular representando a São Francisco no momento de ir contra a restinga onde encalhou, e, no fundo, as quatro restantes naus da armada). / *Escrita / Pelo Padre Gaspar Affonso / Hum dos oito da Companhia, que / nella hião.*

Esta crónica está, também, na colectânea "Biblioteca dos Clássicos Portugueses", de 1904, já citada. A relação do nosso missionário, que examinei e segui, encontra-se na reedição da *História Trágico-Marítima* de 1937, Pôrto, vol. V e vai de pgs. 83 a 171. O título é: — *Relação / da / Viagem e Successo / Que teve a / Nau S. Francisco / Em que ia por Capitão / Vasco da Fonseca / Na armada que foi para a India no ano de 1596 / Escrita / Pelo / Padre Gaspar Afonso / Um dos oito da Companhia que nela iam.*

Do estilo do autor se avaliará em alguns relances transcritos adiante. Mas oiça-se, já, um pouco da parte introdutória:

— "O desejo e sêde com que isto me pediu quem por muitas vias me podia mandar, como mandou outras muitas coisas os anos

⁽¹⁾ Cunha Rivara — *Catalogo dos manuscriptos da Biblioteca Publica de Evora.* Lisboa. 4 vols.

que debaixo de sua obediência me teve, e o gôsto com que me ouvia e fazia referir algumas das muitas coisas que por nós passaram, ou nós por elas, êstes anos que andámos errando tantos mares e terras, quantas nunca Ulisses imaginou que podia haver para se navegar e errar, me obrigou a lho pôr por escrito e dar conta, para sua consolação e dos mais que a lerem, ainda que em suma e miúciada, desta nossa tão larga e trabalhosa peregrinação, com dobrado interêsse. O primeiro meu, assim por ser cousa tão natural, como diz Séneca, folgar cada um com o fim de seus males, como pelo que Macróbio diz que sentem aquêles que andaram por mares e terras quando são preguntados, de quem os não sabe, pelos sítios dessas terras, portos e enseadas dos mares, respondendo com tanta vontade e pintando todos estes lugares, agora com palavras, agora com o dedo e algum ponteiro, tendo por grande glória pôr diante dos olhos alheios o que êles viram com os seus; e então lhes dá maior gôsto quem lho pergunta, quando por estes mares e terras se viu em maiores afrontas e perigos e escapou dêles. O segundo, e mais principal, seu, de quem para isso me está convidando, como outro Anfitrião a Teseu, que o não privasse do doce fruto de meus trabalhos, os quais, quanto mais duros foram de sofrer, tanto mais docemente lembram, e por isso lhe contasse os horrendos casos por que passara».

Devo lembrar que antes de Gaspar Afonso, autores portugueses haviam falado das Antilhas e outros lugares da América Central. Evoco os relatos de António Galvão ⁽¹⁾, o consagrado criador da Geografia

⁽¹⁾ António Galvão — *Tratado..... dos diuersos & desuayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India ás nossas partes, & assi de todos os descobrimentos antigos & modernos, que são feitos até a era de mil & quinhentos & cincoenta.* Etc., etc. Lisboa, 1563.

Histórica, no século XVI; e o do «Fidalgo de Elvas» (1), anterior, ao relatar o descobrimento da Flórida. Sem contar as muitas cartas geográficas portuguesas dos séculos XVI e XVII onde aquela região intertropical está manifestada (2).

Tais as de Jorge Reinel (c. 1519), de Lopo Homem (1519 e 1554), de Reinel (c. 1522), de Diogo Ribeiro (1527 e 1529), anónima (c. 1550), de Diogo Homem (1558), de Lásaro Luís (1563), de Fernão Vaz Dourado (1571, uma das melhores), de Luís Teixeira (c. 1600), etc.

Muitos portugueses viveram nas Índias de Castela (Antilhas, terra firme, etc.). Em Santo Domingo esteve prêso Estêvão Fróis, êsse desgraçado que em 1514 escrevera ao Rei D. Manuel, pedindo-lhe protecção e liberdade, visto não ter cometido crime algum. A sua carta foi publicada, em *fac-simile*, na *História da Colónização Portuguesa do Brasil*, vol. I (Pôrto, 1923); o documento data de 30 de Julho daquele ano.

Em outro estudo arrolei, sumarissimamente, a colaboração portuguesa na imperialização hispânica da América; escrevi, então (3):

— «os Portugueses têm alguns nomes enlaçados à história dêsse império ou regiões vizinhas: — assim, o de Gaspar Côrte-Real (1500-1501, Terra-Nova, Lavrador, rio de São Lourenço, no Canadá e o Rio Hudson, chegando até onde se encontra hoje Nova-Iorque); João Fernandes Lavrador e Pedro de Barcelos (1501, Gronelândia); João Álvares Fagundes (costas da Terra-Nova, rio de São Lourenço, 1520); Estêvão Gômes (1524-1525, costa ocidental da América do Norte, entre a Terra-Nova e a Flórida);

(1) *Relaçam verdadeira dos trabalhos q. ho governador dõ Fernão d'souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimêto da prouincia da Frolida. Agora nouamête feita por hu fidalgo Deluas*, etc. Evora, 1557.

(2) Vd. A. Cortezão — *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI*. 2 volumes. Lisboa, 1935.

(3) Luís de Pina — *Flora e Fauna brasileiras nos antigos livros médicos portugueses*. «Brasília». Coimbra, 1944.

Aleixo Garcia (1524-1525, descobre o Paraguai e a Bolívia, atravessando quasi tãda a América meridional); João Rodrigues Cabrilho (1542, descobre a Califórnia); Gonçalo da Costa (1545-1554, sobe, em grande extensão, o rio Paraguai e descobre o local onde hoje assenta Buenos-Aires); Nuno de Chaves (atravessa o continente sul-americano e estabelece a comunicação entre as duas vertentes da América do Sul, depois de 1557, quando fazia parte da expedição de Irala); João Seromenho (1595, descobre a costa ocidental da América, ao norte de São Francisco); etc..».

A estes se pode juntar o Irmão Gonçalo da Madre de Deus (Gonçalo de Mendonça Alencastre e Andrade), precursor da fundação da nova cidade de Panamá (21 de Janeiro de 1673).

Recordo, também, a valiosa colaboração portuguesa nas emprêsas náuticas espanholas (João Rodrigues Cabrilho, a que já aludi, descobridor da Califórnia, em 1542; João Martins, piloto do navio em que o capitão Maldonado viajaria do Atlântico para o Pacífico, passando nos estreitos hoje de Behring⁽¹⁾ e Davis; os já referidos Gonçalo da Costa, João Seromenho, etc.; Pedro Fernandes de Queiroz, nos fins do século XVI e princípios do XVII, liga o seu nome à descoberta ou reconhecimento das ilhas Marquesas, Paomotu e Novas Hébridas; e, o maior de todos, Fernão de Magalhães, na preparação e comando da viagem à roda do mundo, em 1519, não esquecendo, também, o seu colaborador científico, o notável cosmógrafo Rui Faroleiro).

Outros, como Davide Melgueiro, Bartolomeu Ve-

(1) Atribu-se a sua descoberta ao russo Dezhnew (1648) e a Behring a sua redescoberta (1728). Todavia, uma carta geográfica de Bolognino Zaltieri, de 1566, já chama ao local *estreito de Anian* (talvez informações do cartógrafo veneziano Giacomo Gastaldi).

Influência das viagens espanholas? — pergunta sir Richard Hermig. A luso-espanhola de João Martins, acima apontada, data de 22 anos depois. Vd. *Notitias*, in «Archeion», n.º 4, de 1936, Paris, pg. 425.

lho (1), João Gonçalves, Francisco Fernandes, etc., estiveram, também, ao serviço de países estrangeiros, aos quais prestaram inestimável concurso do saber que os ilustrava (2).

Sabe-se como foi intensa e variada a acção colonizadora espanhola nas Américas que conquistaram e dominaram e a respectiva contribuição científica para o conhecimento das mencionadas regiões. A brilhante galeria de todos os autores espanhóis, nesse campo, dispensa já comentários, tão considerada, estudada e definida tem sido. Desde Las Casas, Cabeça de Vaca e Gomara a Castillo, Oviedo e Hernández, quantas obras de valiosíssimo recheio e sabor! Não há muito os arrolou todos, em trabalho digno de leitura, o Prof. Agustín Gollán (3), que o apresentou ao XXVII Congresso Internacional de Americanistas (Lima, 1939).

Estudos em número copioso têm sido publicados por autores de Espanha e dos países hispano-americanos, referentes a essa grande e vária contribuição para o reconhecimento científico de tão vastas zonas do velho império espanhol de entre o Atlântico e o Pacífico. A ela prestei já devida e justa atenção em diversos lugares. O tempo, hoje, não me sobeja para comentá-la (4).

Evoco, todavia, a tarefa cultural hispânica quincentista, a marca da hispanidade assinalada, sentida e propagada de vária sorte, desde a fundação de Universidades e Escolas menores à instalação de prelos

(1) O notável cosmógrafo e cartógrafo Bartolomeu Velho, autor do *Principio da verdadeira cosmographia e geographia universal de todas as terras que são descubertas*, etc. (ms. de 1568), foi contratado pelo rei de França para construir aparelhos náuticos.

(2) Segundo outros, em 1472 uma expedição dinamarquesa teria visitado as costas ocidentais da Gronelândia, Terra-Nova, a foz do rio de São Lourenço. Da sua tripulação fariam parte dois portugueses (João Vaz Côrte-Real e Alvaro Martins Homem?). Vd. Afrânio Peixoto, *Pequena História das Américas*, 1940.

(3) Agustín Gollán — *Camiños de America*. «Archeion», n.º 3. Santa Fé (Argentina), 1940.

(4) Vd., em especial, Luís de Pina, *Flora e Fauna brasili-cas*, etc., ob. cit.

e publicação de obras de matizes diferentes, desde o *Sumario Compendioso de las quantas de plata*, etc., de 1556 e o de Alfonso de Vera Cruz, *Physica Speculatis*, etc., de 1557 ao *Tractado brebe de Medicina*, etc., ao *Libro general de las reducciones de plata y oro*, etc., de 1597.

*

* *

Regressemos à análise do documento assinado por Estêvão Frois. E' ele de extrema valia, visto o subscritor afirmar que o Rei de Portugal já possuía terras brasileiras «há vinte anos e mais», isto em 1514.

Presume-se que as Antilhas as teria descoberto o português João Coelho, de Guimarães, ao que se diz, entre 1474 e 1492 ou 1475 e 1484 (1). ¿Teria Colombo pertencido à equipagem do navio de João Coelho, que vivia nas ilhas atlânticas dos Açores?

Segundo Babcock (2) a Jamaica, Flórida, Bahamas, Cuba foram descobertas antes de Colombo (1492) por navegadores ibéricos, possivelmente portugueses. Escreve Francisco Fernandes Lopes (3):

— «Do estudo metódico sôbre exaustiva revisão, combinando a documentação portuguesa com os dados cartográficos especialmente estudados, além de pelo autorizado Babcock, por outros autores americanos, como Biggar e Winter, resultaria assente finalmente, com «a evidência duma conquista científica», não apenas a tese das viagens pre-colombinas dos portugueses, mas a da sua pertinente finalidade — o descobrimento de terras norte-americanas —, entendida esta tese, por demais e especialmente, sôbre esta tríplice modalidade: «que o descobrimento, explo-

(1) Seg. estudos de Ferreira de Serpa. Vd. o compendioso trabalho de síntese de Francisco Fernandes Lopes, *Colaboração portuguesa no descobrimento da América não brasileira*, in «História da Expansão Portuguesa no Mundo», vol. II, Lisboa, 1939.

(2) Mencionado por Francisco Fernandes Lopes, ob. cit.

(3) *Colaboração portuguesa no descobrimento da América não brasileira*, ob. cit.

ração e porventura tentativa de colonização daquelas terras — *Terra Nova, Nova Escócia, Canadá* — «*e em data anterior à primeira viagem de Colombo às Antilhas, pertence aos Portugueses*» (1).

Não é para aqui o comento — apenas lembrança fugidia, recordar a estada de Colombo em Portugal antes da sua partida para essa enganosa viagem ao Cipango (Japão, Índias Orientais) pelo Ocidente, durante a qual esbarrou, digamos assim, com as Antilhas, que supôs aquelas terras; do seu casamento com uma portuguesa; da sua educação náutica no nosso País, da possível informação que colheu da existência das terras americanas, de piloto certamente português, etc., etc. (2).

A marca portuguesa nesta, como em outras emprêsas de Espanha — e vice-versa, é, na verdade, valiosa e extraordinária.

Terra-Nova, Nova Escócia, Canadá, já citados e tantas mais regiões americanas do Norte e do Centro não foram, ao que parece, segrêdos para os Portugueses de antes de Colombo (Diogo de Teive, João Vaz e Alvaro Homem, etc). Já no século XVI, o Iúcatão, a Terra dos Côrte-Reais ou Terra Verde, as Terras de Estêvão Gômes foram pisadas ou vistas pelos nossos navegadores, como João Alvares Fagundes, Terra Nova, 1520) e os já citados Estêvão Gômes, talvez do Pôrto (actuais Massachussets, Maine, Connecticut, Nova Iorque e Delaware, 1524-1525). Gaspar Côrte-Real descobre, em 1500, essa terra que traz o seu nome

(1) Há aceitantes da tese de Colombo ter sido precedido dois séculos pela expedição dos italianos irmãos Vivaldi (Ugolino e Vadino), que partiria de Génova em Maio de 1291 (*ad partes Indiae*), registos de Jacopo Doria, 1294, e Agostino Giustiniani, do século XVI.

(2) Gomara conta que se dizia serem as Índias conhecidas de certo piloto, talvez português. Mas, «solamente *concuerdan todos* en que falleció aquel piloto en casa de Cristóbal Colón, en cuyo poder quedaron las escripturas de la carabela y la relación de todo aquel luengo viaje, con la marca y altura de las tirras nuevamente vistas y halladas». F. Lopez de Gomara — *Historia General de las Indias*. Ed. de 1941, I, pg. 38.

nas cartas, isto é, a Terra-Nova e o Lavrador, que seu irmão Miguel visita em 1502.

O Lavrador teria sido descoberto por Pedro de Barcelos, segundo alguns autores, em 1492 e consoante outros, redescoberto entre 1495 e 1498 por João Fernandes Labrador ⁽¹⁾. O «Planisfério» de Diogo Ribeiro, de 1529, que existe no Museu da Propaganda Fide, de Roma, regista aquelas Terras ⁽²⁾, mais as de Estêvão Gômes (*Labrador*, ao Norte = Gronelândia; *Tiera Nova*: — *de Cortereal* = Terra Nova, a seguir, para o sul e *Tiera de Estevã Gomez*, abaixo desta) ⁽³⁾.

Quanto ao Iúcatão ⁽⁴⁾ tê-lo-iam conhecido os Portugueses em 1493, que lhes daria a prioridade no descobrimento de terra firme do continente americano. Sabe-se que Colombo apenas em 1502 tocou em terra firme da América Central. Lembremos, ainda, que alguns investigadores creem na estadia de Portugueses na Terra Nova no ano de 1452, ao tempo do Infante D. Henrique (Diogo de Teive e seu piloto Pero de la Frontera, inspirador de Colombo) ⁽⁵⁾.

Na sessão de 1 de Abril de 1936, o Centro Internacional de Síntese (Secção de História das Ciências),

(1) Mais tarde, em 1501, um grupo de ingleses, constituintes de sociedade comercial, vão explorar o Labrador, levando como guia João Fernandes e Pedro de Barcelos. Esta empresa — a que alguém dá a prioridade na descoberta da região — é, afinal, bem portuguesa. Estes nossos compatriotas e seus companheiros devem considerar-se os «iniciadores da política colonial da Grã-Bretanha». Vd. Samuel Morison — *A data da viagem de João Fernandes e de Pedro de Barcelos ao Labrador*. Actas do «Congresso do Mundo Português». Vol. III, T. I, pg. 387. Lisboa, 1940.

(2) O Labrador de hoje não é o Labrador antigo; êste é a Gronelândia.

(3) *Cartas* de Lázaro Luís (1563) e Vaz Dourado (1568?) registam as terras do Labrador e a dos Côrte Reais. A Terra Nova está na *carta* de Lopo Homem, de c. 1550.

(4) Aqui, no México meridional, nas Honduras, em Guatemala, etc., isto é, em quasi tôda a América central estava derramada a célebre civilização dos Maias, decadente ao tempo da chegada dos europeus e da qual se topam quasi íntegros resíduos populacionais na Venezuela e Iúcatão.

(5) Vd. Armando Cortezão — *Cartografia e Cartógrafos portugueses*, etc., ob. cit. e Jaime Cortezão — *A viagem de Diogo de Teive e Pedro Vasquez de la Frontera ao banco da Terra-Nova em 1452*, in «Arquivo Histórico da Marinha». Lisboa, 1933-1936.

de Paris, que congregava os mais notáveis especialistas, tratou do problema do descobrimento pré-colombiano da América, assunto de conferência aí lida pelo Eng.º Armando Cortezão (1).

Nela se aludiu à questão da existência de uma célebre ilha das sete cidades, medieval, a que me referirei mais abaixo. La Roncière recordou uma expedição europeia à Gronelândia, em 1415, massacrada pelos esquimaus.

Mas, voltemos às Antilhas, que mais interessam a êste nosso trabalho. Sabe-se, que foi sempre menos mal localizada a *Antilia* (talvez Cuba) ou *ilha das 7 cidades* em mapas italianos do século XIV (Pizigani) e do século XVI (de 1426 (em diante) (2); presume-se que a teria descoberto o pessoal de uma expedição portuguesa de 1341, comandada por um genovês (Nicoloso de Recco), que foi a expedição oficial portuguesa às Canárias (3).

Também se pode inferir da mensagem de Estêvão Fróis a D. Manuel, escrita de Santo Domingo, que as terras em posse de Portugal anteriormente a 1500 (descobrimento do Brasil), seriam costas nórdicas da América do Sul, descobertas, pois, antes de Colombo ver a de Pária, no continente americano (1498) e de ter tocado nas Antilhas (1492) (4).

No campo da actividade missionária, fora do Brasil, nas Américas, quantos nomes de portugueses se não poderiam apontar! Um Manuel Ortega (Paraguai), um Francisco Vitória (Bispo de Tucumã), um Francisco de Andrade (Assunção), etc.

Eis, sinteticamente, um pouco do muito da nossa grande Epopeia Nacional. Américo Vespúcio, no

(1) Vd. relato em «Archeion», 2-3, Paris, 1936.

(2) Apud. Francisco Fernandes Lopes, ob. cit.

(3) *Y.ª de Antillia* lhe chama Andrea Bianco no seu mapa de 1436.

(4) Apud. Francisco Fernandes Lopes, ob. cit. Em uma legenda da poma ou *Globo* de Martinho de Boémia, composto entre 1492 e 1493, regista-se que a *Antillia* teria sido habitada por um arcebispo do Pôrto (Portugal) no século VIII da E. C., juntamente com outros bispos e cristãos foragidos de Espanha. Vd. Armando Cortezão — *Cartografia e Cartógrafos portugueses*, etc., ob. cit.

entanto, propagandeia ao mundo as novas terras descobertas. E o Mundo, pasma. Da maré cheia do pasmo surge um alemão cartógrafo Ilacomilus ou Martin Waldeemüller que, sem joeirar o que leu, pesando apenas o que sentiu, baptizou, em 1507, as ditas terras com o nome América ⁽¹⁾. E o apodo aparece já no mapa de Mercator (1451) a abranger todo o novo continente que liga os polos do mundo e se derrama por mais de 120 graus de longitude entre os grandes oceanos Atlântico e Pacífico.

Quão bem calharia a grande parte do Mundo Novo o nome de *Novo Portugal*, de tanta parte e de tanta sorte os Portugueses bafejaram e animaram a mancha germinativa de tantas pátrias!

Leiam-se, como extremamente elucidativas, as *Tábuas Cronológicas* da História da Ciência, referentes à América, de Aiton e Karpinski ⁽²⁾ e as correspondentes à Espanha, do Prof. Francisco Vera ⁽³⁾.

De autores quinhentistas publicou a benemerita «Bibliotheca de Autores Españoles», dirigida por Menendez y Pelayo, as valiosas obras; de essas mesmas e de outras uma recentíssima edição se executa em Espanha, onde já se conta a de Gómara, de que hei-de servir-me ⁽⁴⁾, ao comentar as contribuições naturalísticas, geográficas e etnográficas do P.^e Gaspar Afonso.

O nosso vivo missionário, que correu algumas das partidas das Índias de Castela (Santo Domingo), Pôrto Rico, Cuba, Cartagena, etc.), embora sumária e rapidamente tenha escrito sôbre elas, deve consi-

⁽¹⁾ Na *Cosmographia Introductio*, de 1507. A propósito da primeira menção do nome *América* vd., entre outros, os seguintes trabalhos: — *The first delination of the New World and first use of the name America on a printed maps*, etc., Londres, 1928, de H. Stevens, e *Americo Vespucci e o nome da América*, de A. L. Pereira Ferraz, in publicações do «Congresso do Mundo Português», vol. IX, T. I, Lisboa, 1940.

⁽²⁾ Arthur S. Aiton & Louis C. Karpinski — *Chronology of events of scientific importance in North and South America in the sixteen century*. «Archeion», 4.º. Santa Fé, 1940.

⁽³⁾ Francisco Vera — *Tablas cronologicas de España para el siglo XVI*. Id., id. 3. 4. Santa Fé, 1942.

⁽⁴⁾ Francisco Lopez de Gomara — *Historia General de las Indias*, ob. cit., Madride, 1941. 2 volumes.

derar-se um dos raros portugueses que o fizeram de terras da América Espanhola. Todavia, julgo que merece, em conclave desta ordem, uma boa lembrança. E' isto que faço neste momento. As suas observações podem emparceirar, modestamente, com as que os cronistas espanhóis de Quinhentos deixaram nas suas obras. Deve ser o primeiro português que observou as Antilhas tão larga e directamente e deixou escritas suas impressões.

*

* * *

No relato que P.^e Gaspar Afonso dirige ao seu Padre Provincial chama *peregrinação tão nova e de si tão meritória* à dilatadíssima jornada que cometeu, *à qual foi Nosso Senhor servido dar fim depois de três anos e dezanove dias, começada para um Oriente e prosseguida por tantos Orientes.*

Na verdade, a nau demandava a Índia e foi aproar ao Brasil e daí às Índias de Castela. A armada a que pertencia levantou ferro do Tejo no dia 10 de Abril do ano de 1596, Quarta-feira de Trevas. O barco, logo à partida, ia mal carregado, a tombar para um dos flancos. Dá como razão de as naus se apartarem umas das outras, como a esta sucedeu, o querer cada uma chegar primeiro que as outras à Índia (pg. 89). Esta mesma causa ou cobiça aponta Manuel Severim de Faria, no século XVII ⁽¹⁾.

Assim prossegue a viagem, assim passam a linha, assim arribam aos 16 graus do Sul, em demanda do Cabo da Boa Esperança. O leme quebra-se e a nau baloiça desarvorada, assenhoreada de ventos pouco afeiçoados. Com varas de guia, à moda dos barcos rabelos, voltam 13 graus atrás e deliberam rumar à Baía, no Brasil, embora contra expressa determinação real ⁽²⁾.

⁽¹⁾ *Relação da Viagem do galeão S. Lourenço, etc., in Viagens e Naufrágios Célebres, etc., ob. cit.*

⁽²⁾ Também, entre outras, a nau S. Paulo, que partiu a 20 de Abril de 1560 de Lisboa, teve de arribar à Baía, no cami-

Sem mais tormentas, avistam o pôrto brasileiro, em cuja bôca estiveram a pique de naufragar. Do Colégio dos Jesuítas baiano, no viso da cidade, o P.^o Francisco Dias, ao ver a nau entrante, logo adivinhara que era nave de regresso da Índia e sem leme (1). Abicada a nau, logo os Irmãos do Colégio baiano saem a recebê-los nas redes que são «as cadeiras, andas e coches que se lá usam». Dos 460 navegantes (oito eram Padres da Companhia) apenas não adoeceram cinco (2). Morreram, dias depois, os P.^{os} Jácome de Vicaris, italiano e João Sanches. Os restantes sobreviveram para «ver mais mares e mais terra e mais trabalhos».

De caminho, P.^o Afonso descreve — com boa segurança em uns casos — os peixes-voadores, os tubarões, as rémoras, a fosforescência das águas (3).

Referentemente à sua estadia no Brasil, regista, com observação mais ou menos ampla e rigorosa, as baleias da enseada baiana, uma tromba de água, os ananazes, a preguiça (4), os tatus, aves diversas, a hereditariedade e a transformação das espécies, símios,

nho para a Índia (Vd. *Relação da Viagem e Naufrágio da Nau S. Paulo*, etc., por Henrique Dias, «História Trágico-Marítima», vol. III, edição de 1937. Leta-se, a propósito de arribadas forçadas ao Brasil, pelos barcos portugueses antigos, o pequeno artigo *Era el Brasil un alto obligado en la ruta de los navegantes portugueses hacia la India?* Alexander Marchant estuda o assunto, referindo-se a determinações régias que proibiam a abordagem do Brasil, excepto em casos de fôrça maior. A isso alude P.^o Gaspar Afonso, como se viu. Marchant arrolou uma vintena de naus que desde 1500 a 1730 atracaram forçadamente ao Brasil, relatando as peripécias das relativas viagens. Incluiria no rol a de Gaspar Afonso, ou seja, a da nau S. Francisco, do Capitão Vasco da Fonseca? E a do boticário Henrique Dias?

(1) O P.^o Dias era muito versado em coisas de náutica e arquitectura e servia de piloto em naus que transportavam os Padres da Companhia, quando transferidos de Colégio, nas visitas do Provincial, etc.

(2) Dêles, alguns italianos.

(3) «ardência da água e fios ou meadas de oiro» (pg. 87).

(4) Alguns dêstes animais, como a preguiça e o tatu, já haviam sido descritos notavelmente por outros portugueses, como Gabriel Soares de Sousa (*Notícia do Brasil*, etc., de 1587, publ. na «Col. de Not. para a Hist. e Geogr. das N. Ultr.», etc., T. III. Lisboa, 1825), *preguiça* ou *aly* (cap.^o VII), *tatu* ou *tatumerim*, *tatupeha*, etc. (cap.^o CII).

ofídeos, crocodilos, camaleão; os índios e seus costumes; a pulga penetrante (1), arroz, bálsamo de copaíba (2); desova dos peixes; etc. Descreve o Colégio da Baía — onde estiveram 5 meses (3) — e a cidade (4).

Saem, enfim, da Baía e lançam-se ao caminho de leste, para Portugal, com leme novo. A fortuna con-

(1) Gabriel Soares de Sousa deu-nos uma esplêndida descrição da pulga penetrante (*Dermetophilus penetrans*) ou *tungaçu*, no tupi, bicho do pé. Também os relatores espanhóis (Las Casas, Gómara, etc.) deixaram valiosas notas sobre o insecto, porém sobreleva-os a todos, senão em data, em precisão e largueza. Esses lhe chamaram *niguas*. António Galvão, já citado, também descreve a pulga penetrante (*nigu*).

(2) Alguns dos nossos cronistas do século XVI falam dêste precioso óleo, como Gabriel Soares de Sousa e Pero de Magalhães Gandavo (*História da Provincia de Santa Cruz*, etc., Lisboa, 1576). O P.^e José de Anchieta, na sua *Epistola quam plurimarum Rerum Naturalium*, de 1560 (publ. em 1812 na «Col. de Not. para a Hist. e Geogr. das N. Ultr.», Lisboa, T. I) descreve-o excelentemente. Segundo Carlos França, parece ser a mais antiga menção do óleo.

(3) Fundado em 7 de Novembro de 1564. O jesuíta P.^e Fernão Cardim descreve o Colégio da Baía em 1585, apontando as suas janelas de onde se enxergava a baía e os cardumes de peixes e baleias que saltavam na água (cit. em Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. I, Lisboa, 1938, pg. 56). O eminente P.^e António Vieira recorda o Rei D. Sebastião como seu instituidor, dêle e de mais sete colégios coloniais (*Sermões dos Reis*, 1641). Serafim Leite (ob. cit.) reproduz o *Padrão* da Fundação (vol. I, 128). O Colégio da Baía — a Atenas brasileira, fundada em 1549 pelo Governador Geral Tomé de Sousa e capital até 1763 — foi um dos mais famosos que a Companhia de Jesus estabeleceu no Império Português. Foi também hospital, depois Hospital Militar, e hoje é Faculdade de Medicina. Elo, no fundo, de perpétuo sacerdócio: — sabe-se que os Padres jesuítas, a contar de Anchieta, foram médicos da alma e do corpo. Lembro que na Baía se instituiu a primeira Escola de Medicina que houve no Brasil (1808), antecessora do Colégio Médico-Cirúrgico (1816) e depois Faculdade (1832).

(4) Perto da cidade possuía o Colégio uma quinta que «faz muita vantagem a muitos por que cá se têm por boas e dignas de ver» (pg. 94). A tal propósito, alude o P.^e Gaspar Afonso à questão da inhabitabilidade da zona tórrida, admitida pelos geógrafos e letrados, tais Virgílio e Ovídio. A frescura da terra baiana estava ali a desmentir a asserção antiga. A essa e a outras quintas para descanso e recreio do Colégio se refere Serafim Leite (ob. cit.). A *Casa do Campo* seria a de que fala Gaspar Afonso, e a que o P.^e Fernão Cardim também, anos antes, elogiava: — «uma boa quinta que se pode comparar com as boas de Portugal».

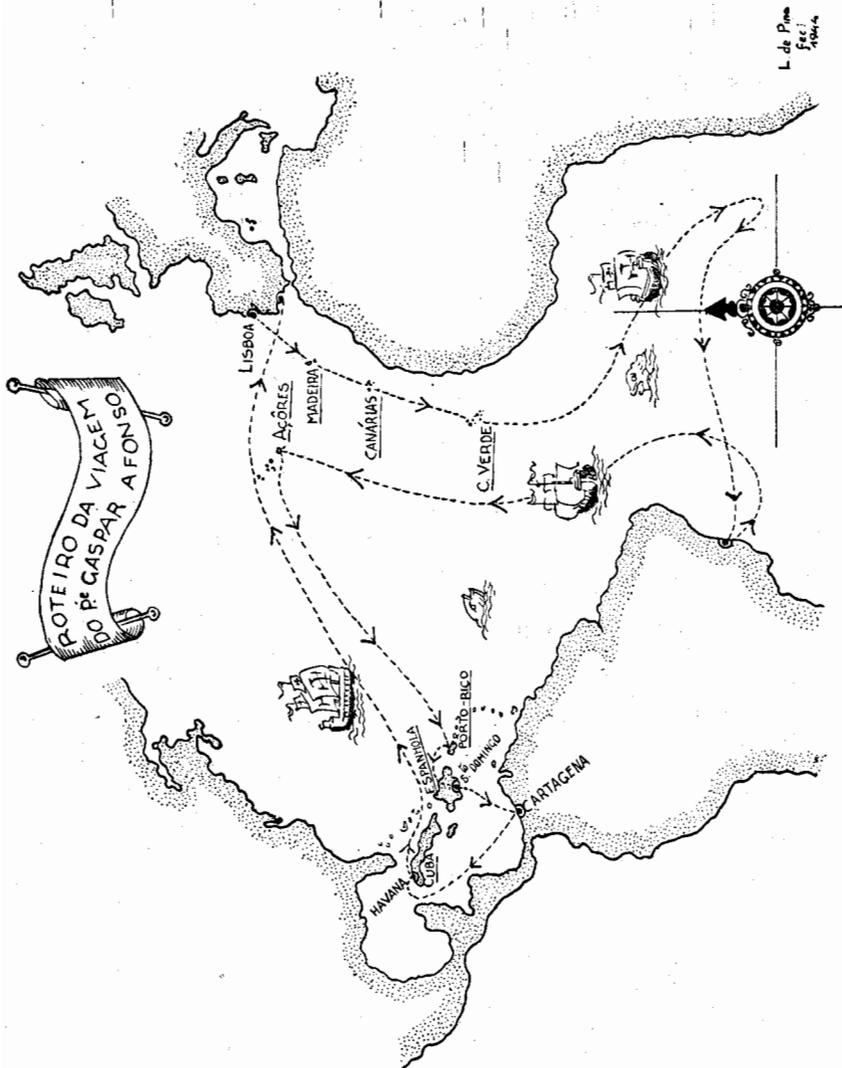


Fig. 1.

trariou-lhes intento e vontade ⁽¹⁾, pois a nau deu consigo na ilha de S. Miguel, onde se destruiu parcialmente, queimada pela tripulação, não fôsem tomá-la inteira os corsários que, em 170, velas, adejavam nos locais.

Com os restos queimados e naufragados construíram nova caravela, para rumá-la ao Brasil. Os fados irritavam-se e a pobre nau, logo ao saír, os ventos a impelem ao pôrto de partida e a desarvoram na costa. P.^o Gaspar Afonso tenta embarcar em outra, mas não o faz por obediência a «respeitos humanos».

A viagem para S. Miguel ⁽²⁾ naquela nau agoirrenta, fôra agitadaíssima. Para fugirem dos perigos da má costa e vencerem a dificuldade de dobrá-la, vão por largo do Cabo de Santo Agostinho e dos famigerados *Abrothos* ⁽³⁾, perto das praias brasileiras. Esta volta ⁽⁴⁾, gasta-lhe 40 dias e, todavia, vão 100 léguas da Baía a Pernambuco, onde o Cabo fica (vulgarmente se fazia esta rota em 3 dias) ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ Uma bruxa avisara, na Igreja de Santo António da Baía e na pessoa da mulher de um dos marinheiros, dos perigos que a nau ia padecer.

⁽²⁾ Deve tratar-se da ilha de S. Miguel, nos Açores. P.^o Gaspar Afonso é nebuloso neste passo da sua relação. Desde a saída do Brasil até rumar às Antilhas poderia inferir-se que a nau fêz as seguintes viagens: — Brasil - S. Miguel; S. Miguel - Brasil; Brasil - proximidades dos Açores; dêstes às Antilhas. Mas creio que a rota foi a que indico neste trabalho e vai marcada no mapa 1.

⁽³⁾ Estes escolhos estão representados em várias *cartas*, como a de João Teixeira, de 1640. Em um Roteiro impresso da Biblioteca Nacional de Lisboa, de Vicente Rodrigues e Diogo Afonso (1612) está uma *Figura dos Abrothos* (costa brasileira desde o Espírito Santo até ao Monte Pascoal).

⁽⁴⁾ Henrique Dias, na descrição da viagem da nau S. Paulo, de 1560 (ob. cit.), alude a êste facto: — «ficar... bem a barlavento do Cabo de Santo Agostinho, terra do Brasil, por a nau o ano passado o não poder dobrar e arribar dêle ao reino...» (*História Trágico-Marítima*, vol. III, ed. de 1937, pg. 14). Mais tarde, na segunda metade do século XVIII, Elias Alexandre e Silva (Relação da viagem da Nau Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcântara, nas *Viagens e Naufrágios Cêlebres*, etc., ob. cit., vol. IV) fala dêste Cabo: — «foi celebrado o contentamento de se passar o Cabo de Santo Agostinho com uma salva, a Nossa Senhora do mesmo...».

⁽⁵⁾ Alguns mestres de Náutica ensinam esta viagem. Assim Luís Serrão Pimentel (*Prática da Arte de Navegar*, 1673, lições

A nau, depois, mete 14 palmos de água. A tormenta sôbre o mar tresdobra o vulto das ondas, que lambem a nau e parecem devorá-la. A tripulação reza e espera a sua última hora. Mas a Divina Providência velava e a nau, escapa da tempestade, navega mais serêna. Vinte dias passam a deitar fora a água que entrara no bôjo do navio. Entretanto, pairava a 33º,5 Norte, muito perto da altura de Lisboa. Já a nau ressurgira do naufrágio em S. Miguel, onde abicara, como se viu; agora estava à vista das Terceiras ou grupo central das ilhas açoreanas que inclui aquela (1).

Sem vento próspero e afeiçoado, não puderam abordar à Terceira ou a qualquer das ilhas a ocidente da de S. Miguel (entre esta e a Terceira há mais de 120 quilómetros de mar), nem a Cabo Verde ou Canárias. E dando aos fados o destino do navio, êles o propeliram para as Índias de Castela, levado por vento a jeito (2). Aos 25 de Março de 1597 chega a nau S. Francisco às Antilhas, Ilha de Pôrto-Rico, onde quási sossobraram (3).

coligidas na sua Aula de Pilotos. Ed. de 1940) fala das 100 léguas entre os dois pontos citados, do modo de navegar por largo e do Cabo de Santo Agostinho, que descreve: — «terra delgada, comprida, que vai direita ao mar; ...na ponta um morrozinho, que parece ilhéu redondo... E lança êste morro uma ponta água ao mar, que parece fociinho de toiriinha». E, mais adiante: — «parece a terra dêle como escalvada, ao modo de restolho, e sem mató salvante umas árvores baixas, longe umas das outras» (pg. 138).

(1) Assim se designavam, por vezes, os Açores, no seu conjunto (Vd., por ex., o Atlas da oficina de Fernão Vaz Dourado, talvez entre 1565-1580, existente na Casa Palmela): — *ilhas tresseiras*. À de S. Miguel se chamou, também, *Cabrera* ou *das Cabras*, *san michiel*, *san michel*, etc., como se pode ver em algumas cartas náuticas. A Terceira apelidou-se, também, *ilha brazill*, *brazil*, *bracil*, *brazi*, *bracir*, *braxil*, *de Brazil*, *de Jesus Cristo*, *Bon Jhesu* ou *Buon Jesú*, etc. (cartas dos séculos XV e XVI).

(2) Assim quiseram proceder os tripulantes da nau de Jorge de Albuquerque Coelho, cuja viagem é descrita por Bento Teixeira Pinto (*História Trágico-Martima*, ed. de 1937, cit.: — «Visto por todos os da companhia e oficiais da nau o gurupês quebrado e a muita água que a nau fazia, se assentou que arribássemos às Antilhas...»).

(3) Relembro que Cuba, Haiti (Haiti e República Dominicana), Pôrto-Rico e Jamaica pertencem às *Grandes Antilhas*. As restantes ilhas a sudeste são as *Pequenas Antilhas*, desde as Vir-

E agora começa o texto que mais intende com o meu presente estudo. P.^e Gaspar Afonso descreve a ilha de Pôrto-Rico ⁽¹⁾, onde os índios (Tainos, Caribes, etc.) já não existiam, aniquilados no trato das minas de oiro ⁽²⁾. Alude à grandeza do pôrto, com sua ponte; fonte abastecedora da cidade; etc. Os rios Zoa e Bayomon. A pequena ilha das Pombas em frente da bôca do Zoa. O cassabe ou pão de mandioca. Os escravos — vindos da Guiné ⁽³⁾ — e o seu mau tratamento pelos colonos. O rudíssimo trabalho nas herdades e fazendas do açúcar ⁽⁴⁾ e do gengibre.

(Continua).

LUÍS DE PINA.

gens à Costa Norte de Venezuela. A terra em que primeiro Colombo tocou era de Guanaham — ou S. Salvador — hoje ilha de Wattings, uma das Lucayas ou Bahmas (12 de Agosto de 1492). A seguir, pisou a do Haiti, Santo Domingo ou Hispaniola (Gómara, ob. cit.).

(1) Pôrto-Rico ou El Borinquén ou Boriena na língua indígena. Colombo chamou-lhe ilha de S. João Baptista (descobriu a ilha em 1493). Gómara (ob. cit.) informa que o principal colonizador foi Diego de Salazar. Ponce de Leon aí se estabelece em 1519. Fundou Caparra, que logo se despovoou; animou o estabelecimento humano em Guanica que os mosquitos ermaram; etc. Em 1595 Drake incendiou a vila de S. João do Pôrto-Rico e dela se apoderou, em 1614, o holandês Balduino. O Conde de Cumberlandia saqueou-a em 1598. Como se verá, o P.^e Gaspar Afonso alude a êste facto. Era o 3.^o Conde de Cumberlandia, Jorge, grande inimigo corso de Espanha e Portugal; em 1591 governou a esquadra inglesa contra os Açores a armada das Indias Ocidentais. O clima primaveril de Pôrto-Rico é afamado.

(2) Dizem os historiadores que os índios antilhanos de Pôrto-Rico se haviam revoltado contra os ocupadores, que os derrotaram em Anaseo ou Jagüeca, de tal forma, que no século XVII já nem um só existia. Em 1597, porém, já o P.^e Gaspar Afonso os não viu por lá.

(3) «seus senhores ali não fazem mais que comprar da manada dos navios de Guiné» (pg. 115).

(4) Parece ter sido introduzido no Haiti, em 1506, vindo das Canárias.